

UM 7 DE SETEMBRO

Difícil administrar a perda de alguém da família, mais ainda quando esse alguém gerou a nossa entrada neste mundo, cada vez mais agitado e insano. Para ela certamente foi um descanso, merecido, uma guerreira que lutou bravamente pela vida, mas não dá para não ficar triste, muito. Pior era este momento de recolher suas coisas, pensar o que fazer com elas, em meio a essa tristeza toda que dói na alma.

Meu pai já tinha nos deixado há muito tempo, mas a baixinha era forte, não se entregava por nada, na verdade, morria de medo de morrer. E agora que se foi, estava eu em sua casa fazendo uma viagem no tempo, na vida dela, na minha história.

Organizada, metódica, professora por décadas, D. Diva tinha tudo organizado, guardado, um verdadeiro museu da família, fotos, revistas, objetos, difícil essa minha tarefa, mas alguém precisava fazer e eu era o único escalado. Coração na mão, lembranças na mente, lágrimas nos olhos, abrindo gavetas, armários, encaixotando roupas, etiquetando o que continuaria no acervo e o que seria dado, doado.

Estava agora no armário do escritório que tinha ainda coisas do meu pai, imagina. Abri a porta dupla, a última, encostada na parede, só de gavetas. Em cada uma, etiquetas sinalizavam o seu conteúdo. Para minha surpresa, a terceira de baixo para cima trazia o meu nome – escola. Estranhei, não sabia disso.

Quando abri, não agüentei, sentado no chão, gaveta aberta, chorei feito criança, de soluçar, enquanto pegava soldadinhos de chumbo, boletins de escola, álbum de figurinhas, minha vida estava lá, na terceira gaveta de baixo para cima.

Abri um caderno, malhado em cartão verde, fita preta na lombada, reconhecia ele, era onde escrevia minhas redações, desenhos, rascunhos de aula. Páginas e páginas a lápis, outras em caneta, tinteiro. Quase no final dele... estava lá... aquele dia... meu Deus... não lembrava que tinha registrado... estava lá.

UM 7 DE SETEMBRO

“Hoje foi o dia mais louco de toda minha vida, preciso escrever para quando eu ficar grande não pensar que foi mentira, imaginação minha, aconteceu, de verdade!!!”

Lembro perfeitamente deste dia, mesmo que tenha acontecido há quase sessenta anos. Sessenta??!!

Eu estudava no colégio Caetano de Campos, ficava lá na Praça da República, hoje é Secretaria da Educação ou alguma coisa municipal. Eu ia para escola todo dia sozinho, de ônibus que pegava do outro lado da avenida, em frente do meu prédio, e o ponto final era na frente do colégio. Na volta eu pegava o mesmo ônibus que retornava pelo mesmo caminho parando na porta de casa.

Este dia, me lembro bem, era uma visita da turma da escola no Museu do Ipiranga, um sábado, sete de setembro de 1963. Meus pais me levaram de ônibus para a porta do Caetano e de lá fomos no ônibus fretado para a visita, com direito a banda de música tocando o hino nacional na porta do museu e acompanhamento com monitores falando sobre cada sala, cada obra de destaque.

Não esqueço do pessoal subindo as escadarias monumentais para o segundo piso, uma estátua do D. Pedro, no alto, braço erguido, inesquecível.

Os professores paravam na frente dos quadros, explicavam, falavam, falavam, tinha uma pintura enorme da hora do grito de independência, feita pelo Pedro que a gente achava que era o próprio D. Pedro. E foi aí que tudo começou.

A gente já tinha andado muito, ouvido muito, corrido muito, sido chamado a atenção muito, e o prédio era enorme, tinha ainda muito para ver. Era uma multidão que estava à frente deste quadro, maior congestionamento, foi quando o Toninho deu a ideia de, disfarçadamente, a gente ver o que tinha atrás daquela cortina vermelha ao lado, foi ele que deu a ideia. E atrás da cortina vermelha, com grandes pingentes dourados, tinha uma porta. Nós passamos por ela, outra sala, outra, uma carruagem,

UM 7 DE SETEMBRO

outra sala e chegamos numa outra sala que parecia um depósito, sei lá, cheio, mas cheio de coisas.

O Toninho pegou um canudo em cima de uma das mesas e deu o grito de independência, eu comecei a rir, fui andando para trás, tropecei e cai de costas. Doeu pra caramba minha cabeça, quando eu olhei para cima, ainda deitado, tudo tinha mudado. Era a mesma sala, mas não era igual. Não parecia mais um depósito, não tinha aquele monte de coisas, pior, o Toninho tinha sumido.

Com a cabeça doendo, levantei e abri a porta, a mesma por onde entramos, não tinha mais ninguém, ninguém. Andei mais um pouco, entrei em outra sala e nesta estava um senhor, de barbas brancas, um uniforme que parecia de polícia, exército, mas antigo, tanto que tinha uma espada na cintura. Levei um susto, pensei em sair correndo, mas ele falou “Calma, melhorou a cabeça?”, enquanto sorria amável.

- Tá doendo ainda. Mas como o senhor sabe que eu bati a cabeça?

- Ahh, eu sei de tudo que acontece na minha casa.

- Sua casa? Mas o senhor...

- Eu cuido sempre daqui o tempo todo, adoro ver isso tudo, lembrar.

- Lembrar? Mas o senhor...

- Tudo vai ficar bem, você vai ficar bom. Toma, fica com isso.

E ele tirou uma das medalhas que tinha no peito e me deu, colocando no bolso da minha calça. Aí, tudo foi ficando escuro, escuro e apaguei. Quando acordei, estava a professora, o Toninho, um monte de gente em minha volta, um rolo, cabeça zonza.

Quando cheguei em casa, um professor me levou de carro, já estava melhor, contei o que aconteceu só pra minha mãe e aí lembrei da medalha que ganhei. Ela achou melhor eu não contar para ninguém. E não contei, mas ela guardou a medalha. Aqui ela.

Um 7 de setembro que não dá para esquecer, igual minha mãe.